

O JOGO

ANDERS DE LA MOTTE

O JOGO

Tradução do sueco:

NEIL SMITH

Tradução do inglês:

MARIA FILOMENA DUARTE



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2014

Título original: *Geim*

Autor: Anders de la Motte

© Anders de la Motte 2013

Copyright da tradução inglesa © Neil Smith 2013

Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa,
exceto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, 1

1500-499 Lisboa

Telefone: 21 762 60 00

Fax: 21 762 61 50

Correio eletrónico: editora@bertrand.pt

www.bertrandeditora.pt

Esta edição segue a grafia do Novo Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa

Design da capa: Ana Monteiro

Imagens da capa: Shutterstock Images

Revisão: Eda Lyra

Pré-impressão: Fotocompográfica, Lda.

Execução gráfica: Bloco Gráfico, Lda.

Unidade Industrial da Maia

1.^a edição: janeiro de 2014

Depósito legal n.º 366 496/13

ISBN: 978-972-25-2745-3



A **cópia ilegal** viola os direitos dos autores.

Os prejudicados somos todos nós.

Para Anette

Os meus mais calorosos agradecimentos a todas as Formigas que por aí andam, sem o conselho e os feitos das quais o Jogo nunca se teria tornado uma realidade.

O Autor

Jogo [Geim]

Uma atividade competitiva que requer perícia, sorte ou resistência da parte de duas ou mais pessoas que jogam segundo um conjunto de regras, em geral para se divertirem ou entreterem os espectadores.

Um divertimento ou passatempo

Estar disposto a fazer alguma coisa

Um comportamento evasivo, insignificante, ou manipulador

Um animal que se caça para comer ou por desporto

Uma estratégia calculada de abordagem; um plano

Uma distração ou diversão

Ter ou demonstrar perícia ou coragem

Uma atividade de recreio

www.wiktionary.org

www.dictionary.com

www.urbandictionary.com

«Ganhar não é tudo, é a única coisa!» *Vince Lombardi*

Calcula-se que pestanejar seja o movimento mais rápido que o corpo humano é capaz de executar.

Mesmo assim, dificilmente se compara com as sinapses elétricas do cérebro.

«Agora não!», foi o que lhe passou pela cabeça quando a luz o atingiu.

E, do seu ponto de vista, tinha toda a razão. Tinha de haver mais tempo, bastante tempo — que era o que lhe haviam prometido. Afinal, ele seguira as instruções à letra, fizera exatamente o que lhe tinham dito para fazer.

Portanto, isto não devia estar a acontecer.

Agora não!

De maneira nenhuma!

A sua surpresa era totalmente compreensível, para não dizer lógica. E foi também a última impressão sensorial da sua vida.

Um milionésimo de segundo depois, a explosão transformou-o num puzzle carbonizado que a equipa da polícia forense levaria mais de uma semana a reconstituír. Peça por peça, como um jogo familiar macabro, até ele voltar mais ou menos à sua forma original.

Mas, nessa altura, o Jogo já terminara há muito tempo.

UM

QUERES JOGAR?

O texto surgiu no ecrã pela enésima vez, e pela enésima vez HP clicou e fê-lo desaparecer, irritado. Não, não queria participar em nenhum maldito jogo, só queria era saber como funcionava o telemóvel que tinha na mão e se era possível fazer uma coisa tão simples como uma chamada telefónica com ele.

O comboio diário vindo de Märsta, no início de junho, dirigia-se para a cidade.

Estavam quase trinta graus, tinha a camisola colada às costas e a boca seca. Como era de prever, estava esfalfado, e a única consolação era o vento gerado pela velocidade do comboio que entrava a custo pela janelinha ridícula de ventilação por cima da sua cabeça.

Cheirou a *t-shirt* diversas vezes e em seguida verificou o hálito. Os resultados aproximavam-se muito do que ele esperava. Um jogo disputado no campo do adversário, ressaca e o cheiro a podre na boca. Poois! Uma manhã de domingo quase perfeita, se não fosse o facto de ser manhã de quinta-feira e ele dever ter começado a trabalhar há duas horas. Tanto pior para o período de experiência.

Mas e depois?

Era só um emprego da treta, de qualquer modo, um grupo de falhados com um tarado completo como responsável.

É importante vestir a camisola, Pettersson. Pois, certo. Como se ele fosse cantarolar «Kumbayah» e jogar em equipa fosse com quem

fosse. Só estava ali para poder candidatar-se de novo ao subsídio de desemprego no fim.

Vai-te lixar, filho da mãe!

Reparara naquilo pouco depois de o comboio partir de Rosersberg. Um objeto pequeno, prateado, em cima do banco do outro lado do corredor. Alguém estivera ali sentado há um minuto, mas saíra e o comboio já recomeçara a andar. Portanto, não servia de nada acenar e gritar agora, se ele ponderasse seriamente Fazer a Coisa Certa.

Como se...

Afinal, toda a gente tinha a responsabilidade de olhar pelas suas coisas, não é verdade?

Por isso, HP olhou rapidamente em redor, à procura de câmaras de vigilância, com um olhar experiente, e, depois de concluir que a carruagem era demasiado antiga para ter alguma, mudou de lugar para poder examinar o seu achado à vontade.

Como calculara, era um telemóvel, e de repente a sua manhã melhorou um pouco.

Um modelo novo, ecrã táctil. Simpático!

Era estranho, mas não conseguiu descobrir o nome do fabricante em lado nenhum, mas talvez o telemóvel fosse tão exclusivo que não havia necessidade disso... A menos que as letras gravadas no verso fossem de facto uma marca...

128, lia-se em letras cinzento-claras com pouco menos de um centímetro de altura.

Ele nem se lembrava sequer de ouvir falar de uma empresa com aquele nome.

Mas que diabo...

Devia valer umas quinhentas coroas, mais coisa menos coisa, no grego que negociava em telemóveis roubados. A alternativa era gastar umas duzentas para desativar o código IMEI, de modo que o dono não conseguisse impedir que o aparelho funcionasse, e depois poderia ficar com ele.

Mas isso nem sequer era uma opção...

A noite anterior abrira um buraco definitivo nas suas finanças já muito depauperadas. Há séculos que não tinha nada na conta e já esgotara todos os seus outros recursos. Mas com umas negociatas aqui e ali, em breve estaria de pé outra vez...

Não era possível que alguém como ele estivesse em baixo durante muito tempo, o telemóvel era a prova disso. Pegou no telefone e examinou-o com mais atenção.

Era pequeno e elegante, pouco maior do que a palma da sua mão, com a parte exterior de aço escovado. Um pequeno orifício na parte de trás indicava que estava equipado com uma câmara, e no cimo via-se um clipe preto sem graça, presumivelmente para prender à roupa. O clipe contrastava bastante com o *design* minimalista do aparelho, e ele estava a ver se conseguia retirá-lo quando o ecrã ganhou vida de repente.

Queres jogar?

perguntou, mostrando dois ícones para Sim e Não.

HP sobressaltou-se, admirado. No meio da sua ressaca comatosa, nem sequer verificara se o telefone estava ligado.

Imprudente!

Fez menção de tocar com o dedo no ícone Não, mas depois tentou perceber como havia de chegar ao menu. Se tivesse sorte, conseguiria usar o telefone durante alguns dias até o dono lograr bloqueá-lo.

Mas em vez de um menu vulgar, o telefone continuou a repetir a pergunta e nesse momento, enquanto HP a fazia desaparecer com uma irritação crescente, sabia-se lá quantas mais vezes, estava à beira de desistir.

Que merda de telefone!

Engoliu duas vezes, na tentativa de evitar o vômito. Maldita ressaca, ele devia saber que não podia misturar bebidas, e ansiava tanto por um cigarro que tinha a sensação de que ia rebentar.

Quanto àquela rapariga, céus, era feia como o diabo, mas o que podia esperar quem saía para dar uma queca nos subúrbios? Ele saía à pressa quando a luz da manhã revelou impietosamente as limitações dela e apresentara uma desculpa esfarrapada sobre um jogo de futebol no qual prometera aparecer a um amigo. A avaliar pela ausência de reação dela, o sentimento fora mútuo. *Foge, Forrest, fuge!*

Mas a verdade é que não tinha pressa nenhuma de regressar a Maria Trappgränd. Uma paragem para ver o grego, um dinheiro fácil que devia ser suficiente para uma pizza e depois umas cervejas no Kvarnen.

Havia sempre espaço para isso no dia a dia.

Se tivesse sorte, ainda lhe sobraria alguma coisa para um pouco de erva, porque o telemóvel não era um daqueles modelos contrafeitos que ele encontrava às vezes «por acaso». Quinhentas a mil coroas de lucro, vistas bem as coisas não era um dia mau, apesar da ressaca e do calor tropical.

O ecrã piscou outra vez e o dedo de HP aproximara-se quase automaticamente do ícone Não quando reparou que esta mensagem era diferente.

Queres jogar, **Henrik Pettersson**?

Sim

Não

HP ficou hirto no banco.

Que diabo...?

Olhou rapidamente à sua volta algumas vezes. Estaria alguém a gozar com ele?

Havia mais ou menos uns dez, doze passageiros espalhados pela carruagem, e com exceção de uma mãe com dois miúdos hiperativos, quase todos pareciam mergulhados na mesma apatia, no mesmo coma matinal que ele. Cabeças descaídas, olhares ausentes, transpirados, cheios de calor. Nem um olhou na sua direção.

Verificou o ecrã outra vez. O mesmo texto. Como diabo podia o telefone saber o seu nome?

Olhou em redor, mas não ficou esclarecido. Em seguida, premiu o botão Não.

Apareceu imediatamente uma nova mensagem, desta vez em suco.

Tens mesmo a certeza
de que não queres jogar, HP?

La caindo do banco. O que se passava aqui, em nome de que santo? Cerrou os olhos, respirou fundo duas vezes e recuperou o controlo da ansiedade galopante desencadeada pela ressaca.

Mantém a calma, pensou. És um rapaz esperto. E isto não é a Quinta Dimensão.

Ou são os *Apanbados* ou então é um dos teus colegas a gozar contigo. Provavelmente a segunda hipótese...

Manga vinha à cabeça da lista de suspeitos. Um velho amigo do tempo da escola, bom em tecnologia, tinha uma loja de computadores, enfurecia-se com quem desprezasse o seu recém-descoberto deus árabe e era dotado de um sentido de humor verdadeiramente doentio.

Sim, não havia dúvidas quanto a isto. Esta era uma das partidas doentias de Manga!

Sentiu um alívio em todo o corpo.

Pois bem, Mangalito.

Há muito tempo, chegara a pensar que o casamento e a nova religião tinham amaciado Manga, mas o pequeno patife devia ter estado a preparar-se para a grande estocada.

Primeiro, tinha de perceber como aquilo tudo encaixava, e depois arranjar uma maneira de fazer com que a partida se virasse contra Manga.

Até aí, a coisa fora bem pensada, tinha de reconhecer esse mérito ao bandalhozito.

HP olhou outra vez à volta.

Nove pessoas ao todo na carruagem, doze se contasse com os miúdos.

Três raparigas adolescentes, um bêbedo, dois suecos estereotipados mais ou menos da idade dele, a rondar os trinta. Um velho de bengala, uma rapariga bastante decente com uns vinte e cinco anos, rabo de cavalo e roupa de corrida (devia ter sido a ressaca que o impedira de reparar nela mais cedo) e por fim a mulher com os miúdos.

Fosse qual deles fosse que Manga, o muçulmano, tivesse conseguido recrutar, teriam de possuir qualquer engenhoca eletrónica que lhes permitisse enviar as mensagens. Infelizmente, isso não reduzia muito a lista. Cinco clicavam num dispositivo eletrónico qualquer e,

se contássemos com os auriculares do bêbedo, a lista de suspeitos saltava logo para seis.

O seu cérebro cansado chegou à conclusão que era mais a regra do que a exceção brincar com um telemóvel no comboio, não só para enviar textos como para matar o tempo com um daqueles jogos estúpidos dos telefones celulares.

Portanto, Einstein — não ficou mais esclarecido.

A cabeça latejava devido ao esforço inesperado, e a boca ainda estava seca como palha. No entanto, o que era estranho, sentia-se um pouco mais alerta.

Então, o que sucedia agora?

Como ia ele recuperar o seu?

Resolveu aguentar a brincadeira durante algum tempo, carregou primeiro no ícone Não e depois, quando a pergunta se repetiu, no ícone Sim.

Oh, sim, ele brincaria com aquilo durante algum tempo e fingiria que participava, e quanto mais pensava no assunto, mais se convenciu de que a situação era bastante fixe. Uma boa maneira de passar o tempo numa viagem de comboio enfadonha.

«Que se lixe o Manga.» Sorriu, antes de aparecer uma nova mensagem no ecrã.

Bem-vindo ao Jogo, HP!

Obrigado!, pensou ele, recostando-se.

Isto ia ser interessante, afinal.

Ainda antes de as rodas do pesado veículo terem parado, Rebecca Normén saiu para o passeio. O calor que sentia era de tal modo intenso que só lhe apetecia regressar à frescura do carro.

Três semanas de verão a sério na Suécia haviam aquecido as ruas de tal maneira que o alcatrão começara a colar-se aos sapatos, e o colete à prova de bala que ela usava por baixo da blusa e do casaco não contribuía para amenizar a situação.

Depois de examinar rapidamente o local e concluir que não havia perigo, abriu a porta e deixou sair a pessoa sob a sua proteção, que aguardara com paciência no banco de trás.

O guarda à porta da sede do Governo em Rosenbad por uma vez estava suficientemente desperto para abrir logo a porta, e pouco depois a ministra da Integração da Suécia encontrava-se a salvo no interior das paredes grossas do edifício.

Rebecca teve tempo para beber um café rápido na cantina e ir à casa de banho, antes de voltar para junto do motorista e verificar se estava tudo a postos para a fase seguinte.

Viu as horas. Mais catorze minutos de espera, depois uma breve caminhada ao longo do cais até ao Ministério dos Negócios Estrangeiros a fim de participar numa reunião com o ministro que, ao contrário da ministra que ela protegia, dispunha de uma equipa completa de guarda-costas. Pelo menos dois, em geral mais. Uma equipa completa, como devia ser.

«Coordenadora de proteção pessoal» era o título do seu cargo, presumivelmente porque «unidade individual de guarda-costas» não soava muito reconfortante. A proteção da ministra da Integração era um trabalho demasiado exigente para uma pessoa com menos de um ano de experiência como guarda-costas, pelo menos na opinião do chefe dela. Ameaça de nível médio a baixo, segundo a análise mais recente. Além disso, e porventura este dado fora o mais significativo, nenhum dos seus colegas mais velhos queria ser coordenador de proteção pessoal...

Ao sair pela porta principal, apanhou o motorista a atirar à pressa o cigarro para a sarjeta perto do automóvel.

Falta de profissionalismo, pensou ela, irritada, mas que outra coisa podia esperar?

Ao contrário dela, o homem não era um guarda-costas no verdadeiro sentido do termo, mas uma versão menos competente destinada a poupar dinheiro ao Estado. Um motorista com uma formação suplementar e um colete à prova de bala que mal lhe servia, contratado pelo Gabinete e não pela Polícia de Segurança. Vinte anos mais velho do que ela e com problemas óbvios em receber ordens de uma pessoa mais nova, ainda por cima uma mulher.

— Dez minutos — disse ela num tom ríspido. — Fique aqui com o carro até lá chegarmos.

— Não seria preferível eu ir agora para o Ministério dos Negócios Estrangeiros? Costuma ser o cabo dos trabalhos para estacionar lá.

A objeção era previsível. O motorista, Bengt de seu nome, resolvera por princípio opinar acerca de tudo o que ela dizia. Havia um subentendido «ouve lá, menina...» em todas as frases que o homem pronunciava.

Como se a idade e o género o transformassem automaticamente num especialista em proteger pessoas.

Era manifesto que a única semana de formação não lhe ensinara que recuar era seguro, mas que avançar representava território desconhecido e por conseguinte um risco maior. Idiota!

— Espere aqui até eu lhe dizer para continuar! — ripostou ela, sem se dar ao trabalho de explicar a sua decisão. — Alguma pergunta?

— Não, chefe — respondeu ele, sem se esforçar muito para esconder a irritação.

Porque diabo era tão difícil conseguir que determinados tipos de homem aceitassem a chefia de uma mulher? Ou tentavam levar a melhor e assumir o controlo, como no caso de Bengt, ou pior, faziam insinuações e comentários sobre a vida sexual dela ou a sua falta.

Ofereciam os seus serviços, fossem ou não casados... E se uma mulher caísse na esparrela de se queixar ao chefe, dentro de pouco tempo estaria na rua. Ela conhecia muitos exemplos.

Nunca namorava com colegas, por princípio. Misturar o trabalho com a vida particular acabava por se tornar muito complicado. Uma regra simples: não arranjar lenha para se queimar.

O facto é que nunca namorava com ninguém. Talvez o namoro fosse em si mesmo muito complicado...

Encolheu os ombros para afastar o pensamento importuno. Nesse momento, o trabalho era a sua prioridade.

Tudo o resto podia esperar.

Mal tinham virado a esquina do edifício governamental, ela apercebeu-se de que alguma coisa estava errada. Um minuto antes, quando verificara o percurso antecipadamente, havia três pessoas debruçadas no parapeito, à beira das águas do Norrström. Duas empunhavam canas de pesca e a terceira também estava vestida de pescador, embora Rebecca não detetasse nenhuma cana. Aparentemente, nenhuma constituía uma grande ameaça.

Mas quando Rebecca e a sua protegida, a par do assistente da ministra que falava sem parar, se aproximaram do sítio em que se encontravam os três homens, ela apercebeu-se de uma alteração na linguagem corporal deles. Com um gesto maquinal, enfiou a mão direita no casaco e apoiou o polegar no cano da pistola e os outros dedos no bastão telescópico e no rádio presos ao cinto. Só teve tempo de tocar no ombro direito da sua protegida, para a avisar, quando aquilo aconteceu.

Dois dos homens viraram-se para trás e deram uns passos rápidos na direção deles. Um desenrolou uma espécie de cartaz à frente do corpo e o segundo levantou a mão para atirar qualquer coisa.

— A Suécia protege assassinos! A Suécia protege assassinos! — gritaram os homens, precipitando-se para a ministra.

Rebecca reagiu logo. Premiu o botão de alarme do rádio e com um gesto majestoso tirou o bastão do cinto, estendeu-o a todo o comprimento e atingiu com ele o meio do cartaz intrusivo. Sentiu que o bastão tocou em qualquer coisa dura e viu os agressores darem um passo atrás e desequilibrarem-se momentaneamente.

— Para o carro — gritou ela à ministra da Integração, empurrando-a para trás das suas costas. Com o bastão erguido sobre o ombro, recuou à pressa para o carro, sempre agarrada ao braço da ministra.

— Victor cinco, estamos a ser atacados, repito, estamos a ser atacados, apronte o carro! — gritou ela para o pequeno microfone que trazia na gola: o aparelho começara a transmitir automaticamente quando ela acionou o alarme.

Esperaram pelo menos três minutos pela chegada de reforços, talvez uns cinco, calculou ela à pressa. Só podia esperar que Bengt

não tivesse adormecido ao volante para que pudessem retirar-se sem demora.

Antes de voltarem para a esquina do edifício, os agressores tentaram de novo abeirar-se de Rebecca e da ministra. Atiraram um objeto qualquer que ela rebateu automaticamente com o bastão.

«Uma pedra, uma garrafa, uma granada de mão?»), conseguiu ela pensar antes de o líquido morno lhe escorrer pela face e pela parte superior do corpo. «Meu Deus, por favor não deixes que seja gasolina!»

Por fim, viraram a esquina outra vez e ela olhou rapidamente para trás, à procura de Bengt, esperando que ele se recordasse da formação sumária que recebera e tivesse aberto as portas do carro para elas entrarem.

Mas a rotunda em que o carro tinha ficado estacionado estava vazia.

— Porra! — disse ela entredentes, mas as suas palavras foram abafadas pelos gritos do assistente.

— Sangue! — gritou ele, com uma voz quase de falsete. — Céus, estou a sangrar!

Rebecca virou a cabeça outra vez, mas de repente sentiu dificuldade em ver. Uma névoa vermelha abatia-se sobre os seus olhos e ela esfregou a mão com que segurava no bastão para os limpar.

Nem carro, nem Bengt, e os agressores mesmo atrás deles. O que havia de fazer?

«Toma uma decisão, Normén, toma uma decisão já!», gritou-lhe o cérebro.

Recuar era conhecido e seguro, avançar era desconhecido e perigoso. Mas o que fazer se a escapatória fosse de súbito vedada? Não lhes ensinavam isto no curso de guarda-costas. O imprevisto nunca fora o seu forte. Estava à beira do pânico.

— Por aqui! — gritou uma voz.

O guarda escancarara a porta e tomara posição a meio caminho entre esta e Rebecca. Puxara do bastão e observava a esquina em que os agressores deviam ter aparecido.

Com duas passadas rápidas, Rebecca quase empurrou a ministra da Integração pela porta por onde haviam saído uns minutos antes. Continuava a ouvir os soluços histéricos do assistente atrás de si, mas

não lhe prestou atenção, concentrada em levar a ministra para um lugar seguro.

Só uns minutos mais tarde, depois de chegarem reforços e de a situação acalmar, é que ela se apercebeu de que tinha toda a parte superior do corpo coberta de sangue.